



Artigo

Da travessia do muro das lamentações à arte da conquista: uma intervenção psicanalítica com docentes

Erilania Ferreira Mendes; Karynna Magalhães Barros da Nóbrega

Resumo. Esse artigo é caracterizado pela apresentação de uma intervenção psicanalítica realizada em uma Escola Cidadã Integral com professores do ensino fundamental e médio. Considera a análise sobre o mal-estar docente em conformidade com a perspectiva da psicanálise de orientação freudo-lacaniana. Para isso, como metodologia, foi realizada uma pesquisa-intervenção, com uso do artifício da conversação a fim de ofertar a palavra aos professores, através da técnica de associação livre. Para a análise das 09 conversações utilizou-se o referencial teórico da psicanálise e a ocorrência dos encontros foram divididos de acordo com os pressupostos do tempo lógico de Lacan, ficando um primeiro tempo para o instante de ver, posteriormente o momento de compreender e o tempo de concluir. O artigo tem como clímax o que concerne a fala dos próprios professores, considerando-as principais fontes para a reflexão sobre o diálogo entre o campo da educação e da psicanálise em conformidade com as questões sociopolíticas contemporâneas.

Palavras chave: psicanálise; educação; conversação; mal-estar.

Del cruce del muro de las lamentaciones al arte de la conquista: una intervención psicoanalítica con docentes

Resumen. Este artículo se caracteriza por la presentación de una intervención psicoanalítica realizada en una *Escola Cidadã Integral* con profesores de primaria y secundaria. Se considera el análisis del malestar docente de

acuerdo con la perspectiva del psicoanálisis con orientación freudo-lacaniana. Para ello, como metodología, se realizó una investigación de intervención, utilizando el dispositivo de la conversación con el fin de ofrecer la palabra a los docentes, mediante la técnica de la libre asociación. Para el análisis de las 09 conversaciones se utilizó el marco teórico del psicoanálisis y se dividió la ocurrencia de los encuentros según los supuestos del tiempo lógico de Lacan, dejando un primer tiempo para el momento del ver, luego el momento de la comprensión y el tiempo

*Psicóloga. Mestranda em Teorias e Práticas da Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. Email: erilaniafm@gmail.com

** Professora Adjunta III do Curso de Psicologia e pesquisadora do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana (LAPSO/ UFCG) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br

completar. El clímax del artículo se refiere a los discursos de los propios docentes, considerándolos las principales fuentes de reflexión sobre el diálogo entre el campo de la educación y el psicoanálisis de acuerdo con las cuestiones sociopolíticas contemporáneas.

Palabras clave: psicoanálisis, educación; conversación; malestar.

From crossing the wailing wall to the art of conquest: a psychoanalytic intervention with teachers

Abstract. This article is characterized by the presentation of a psychoanalytic intervention carried out in a *Escola Cidadã Integral* with primary and secondary school teachers. It considers the analysis of teaching malaise in accordance with the perspective of psychoanalysis with a Freud-Lacanian orientation. For this, as methodology, an intervention research was carried out, using the device of conversation in order to offer the floor to teachers, through the technique of free association. For the analysis of the 09 conversations, the theoretical framework of psychoanalysis was used and the occurrence of the meetings were divided according to the assumptions of Lacan's logical time, leaving a first time for the moment of seeing, later the moment of understanding and the time to complete. The climax of the article concerns the speeches of the teachers themselves, considering them the main sources for reflection on the dialogue between the field of education and psychoanalysis in accordance with contemporary sociopolitical issues.

Keywords: psychoanalysis; education; conversation; discomfort.

De la traversée du mur des lamentations à l'art de la conquête : une intervention psychanalytique auprès des enseignants

Résumé. Cet article se caractérise par la présentation d'une intervention psychanalytique réalisée dans une *Escola Cidadã Integral* auprès d'enseignants du primaire et du secondaire. Il considère l'analyse du mal-être pédagogique selon la perspective d'une psychanalyse d'orientation freudo-lacanienne. Pour cela, comme méthodologie, une recherche interventionnelle a été réalisée, utilisant le dispositif de conversation afin d'offrir la parole aux enseignants, à travers la technique de l'association libre. Pour l'analyse des 09 conversations, le cadre théorique de la psychanalyse a été utilisé et les occurrences des réunions ont été réparties selon les hypothèses du temps logique de Lacan, laissant un premier temps pour le moment de voir, puis le moment de comprendre et le temps compléter. Le point culminant de l'article concerne les discours des enseignants eux-mêmes, les considérant comme les principales sources de réflexion sur le dialogue entre le domaine de l'éducation et la psychanalyse en accord avec les enjeux sociopolitiques contemporains.

Mots-clés: psychanalyse, éducation; conversation; malaise.

Freud (1976 [1933]) esclarece que o ofício de um educador se desdobra entre conceder a justa medida de amor, mas também conservar uma parcela de autoridade. A partir disso, já se pode perceber a ambivalência desta tarefa. Voltando-se para o contexto brasileiro, compreendemos que o adoecimento docente tem sido uma problemática que transpõe os níveis individuais da questão, sendo proveniente, também, de impasses sociopolíticos e estruturais da própria educação brasileira, como por exemplo, a precarização das condições de trabalho do professor. A partir desse contexto, relatamos neste artigo uma pesquisa feita com professores de uma escola da rede pública da Paraíba. A seguir, apresenta-se o delineamento metodológico, seguido dos resultados das Conversações, organizadas de acordo com os tempos lógicos da experiência.

Foi realizado um estudo de campo¹ que incluiu um total de nove conversações com professores de uma Escola Cidadã Integral. A escola em questão foi escolhida diante das atividades que já eram desenvolvidas pela universidade neste campo, bem como extensão e campo de estágio. A sugestão da coordenação foi que realizássemos as conversações divididos por área do conhecimento, visto que, uma vez na semana cada grupo tinha um horário livre para planejamento e reuniões e, se fosse em um outro modelo, seria difícil organizar a logística entre eles.

Assim, foi na tentativa de “desdobrar a orientação lacaniana em suas últimas invenções” (Brousse, 2018) que foi tecido o processo metodológico de intervenção com os professores de uma Escola Cidadã Integral. O método de conversação tem se mostrado como uma via para lidar com o mal-estar, a produção acadêmica torna tal premissa visível através de publicações cuidadosas com relatos de intervenções. (Miranda, 2012; Arreguy e Coutinho, 2015)

As práticas de Conversações surgem na psicanálise através do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Infância (CIEN), criado por Philippe Lacadée, em 1996, na França. Inicialmente, pretendia-se através dessa prática conduzir as supervisões de casos clínicos e, depois, expandida para intervenções no ambiente escolar. Miller (2005), define o método da conversação como uma associação livre coletivizada, em que o significante encontra-se solto no grupo, ou seja, não pertence a uma pessoa específica. Dessa forma “Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão idéias, me ajudam e, finalmente, resulta - às vezes - algo novo, um ângulo novo, perspectivas inéditas” (Miller, 2005, p. 15-16).

Torna-se importante salientar a divergência entre a associação livre voltada para prática da clínica individual e a que foi citada anteriormente, a coletivizada. Segundo Pinto e Santiago (2012), a regra da associação livre se aplica às Conversações, uma vez que tem como intenção promover uma fala espontânea sobre temas de interesse comum objetivando não uma fala sem implicações, nem um projeto terapêutico, mas uma reintrodução da dimensão desejante daquele que se escuta, considerando as dimensões discursivas da palavra, “pois quando o sujeito se queixa, em seus enunciados, está implicado com seu saber em torno de seu sintoma”. (Sena, 2023, p.08).

Além disso, a pessoa responsável por conduzir a conversação deve ser alguém que segue o tripé da psicanálise - análise, supervisão e estudos teóricos - e ocupar, assim, uma posição de não-saber prévio, possibilitando a circulação da palavra, sustentada pela transferência. A transferência foi formulada por Freud (1915/2010) como o verdadeiro motor do processo psicanalítico, sendo caracterizado como algo do material psíquico que, de forma inconsciente, é transferido entre o analista e analisando, de modo a clarear a posição do sujeito diante do Outro. No relato das Conversações deste artigo, veremos alguns pontos em que identificamos como a transferência apareceu entre os grupos.

Além disso, a conversação pode ser compreendida como uma prolongação do método de associação livre, técnica fundamental da psicanálise (Miranda, 2006, p. 146). O objeto voz utilizado na presença de um analista, implica na possibilidade de sublimar o que se encontra como queixa direcionada ao que o Outro supõe à produção de perspectivas singulares inéditas.

¹Essa pesquisa foi realizada em virtude de um trabalho de conclusão de curso. Dessa forma, seguiu todos os trâmites exigidos pelo comitê de ética (CAAE: 67502222.4.0000.5182). Foi feito mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos docentes que participaram das conversações, assim como o Termo de Anuência Institucional e o Termo de Compromisso.

O estudo das conversações seguiu a noção de tempo apresentada por Lacan em seu texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (Lacan, 1998). Assim, iniciou-se a partir do *Instante de Ver*, em que se identifica as queixas preliminares dos professores; logo após dispõe-se o *Momento de Compreender*, que se refere a segunda conversação de cada área conhecimento e convoca uma elaboração acerca das queixas prestadas pelos professores; por fim, apresenta-se sobre o *Tempo de Concluir*, em que se destina uma invenção possível de um saber inédito.

É possível perceber nos significantes mestres das falas dos docentes caminhos para pensar em uma articulação da psicanálise com a pedagogia que possa transgredir o conceito de fracasso escolar e, além disso, incluir o debate da barbarização da educação como impasse nesse diálogo. Essa hipótese foi verificada através da utilização da conversação como um dispositivo de investigação e tratamento do mal-estar docente.

Para Cunha (2012) o mal-estar docente está associado às próprias pulsões de morte que os professores relatam a partir de suas vivências nas escolas. Diante disso, a conversação atua como uma possibilidade de identificar os nomes do mal-estar e de promover uma circulação nos discursos que rondam a instituição. Assim, foi possível se movimentar do lugar de queixa e de impotência em direção a novas reflexões criativas sobre suas práticas. (Arreguy e Coutinho, 2015)

Os diálogos escritos neste trabalho são um recorte dos nove encontros ocorridos, desse modo, foi realizado um trabalho clínico de tecelagem, cortes e costuras do que foi a escuta. As situações são divididas, implicitamente, em Impasse Subjetivo, Manejo Clínico e Implicação. Com isso, objetivava-se entender as posturas subjetivas dos professores frente ao desafio de ensinar e de constituir essa prática. Portanto, a finalidade é se deslocar das práticas tradicionais de se fazer psicanálise em contexto escolar e reconhecer que a psicanálise contemporânea pode ter sua práxis pautada não somente como instrumento terapêutico, mas, sobretudo, como um lugar irrevogável, para que novas formas de existências sejam validadas e possam, assim, corroborar para um campo que prevaleça a ética (Cunha, 2021).

Instante de Ver: o muro das lamentações

No “Instante de Ver” da conversação é possível identificar as queixas e desalinhamentos que os professores têm em relação à escola. É importante destacar que os assuntos centrais dos momentos não foram estabelecidos previamente e se dava a partir da disponibilidade da escuta, ao frisar que estávamos interessadas em escutar o que eles tinham a dizer sobre ser professores naquela instituição.

A professora R.² descreveu o espaço como o “*muro das lamentações*”, traduzindo de forma sensível e, talvez até criativa, a situação. No início, os professores expressaram o impasse subjetivo em relação ao papel da psicologia na escola, relatando como os problemas de saúde mental dos alunos, os diagnósticos, a automutilação e as tentativas de suicídio acabavam chegando até eles. Destacaram, também, que essas questões ultrapassam a esfera de atuação dos professores e requerem a intervenção de profissionais da psicologia.

²Pelo sigilo profissional, os nomes dos professores ficaram resguardados, assim, utilizamos as letras do alfabeto para nomeá-los.

Os professores ressaltaram que todos os adolescentes necessitam de uma escuta psicológica, e a pesquisadora os questionou: “*Apenas os adolescentes?*” Esse questionamento abriu espaço para um diálogo mais fluido, mesmo que inicialmente eles tenham brincado dizendo que não precisavam dessa escuta. No entanto, todos os professores acabaram participando.

Essa percepção evidenciou a necessidade de um espaço para abordar essas angústias por parte dos professores, uma vez que a presença da psicologia na escola geralmente está focada no atendimento aos alunos. No entanto, foi reforçado que o espaço que estava sendo proposto era voltado para a escuta dos professores. A implicação desse manejo foi a liberação para um fazer falar com o intuito de que o sujeito não só lembre e relate sua própria experiência, mas tenha a chance, ao repeti-la em sua própria fala, de teorizá-la de modo singular, de responsabilizar-se pelo que fala; e, de quem sabe, elaborar subjetivamente (Pereira, 2012, p. 31).

Paralelamente, o professor B. mencionou como se sente frustrado na sala de aula, por estar lidando com *analfabetos funcionais*.³ A professora L. acrescentou que *são como caixas vazias que temos que colocar tudo na cabeça deles*. Além disso, outro professor comentou que há um descompromisso dos alunos já que, no sistema educacional, todos devem ser aprovados, *então eles não se esforçam para isso*, afirmou o professor X.

Essa reflexão dos três professores retoma a perspectiva apresentada por Lonjequiere, ao explorar a etimologia da palavra “educar”, derivada do latim “educare”. Segundo o autor, educar implica em formar, instruir, adestrar animais e também criar. Nesse sentido, a educação envolve um processo de criação que vai além do simples ensino, envolvendo a ideia de moldar, esculpir e até mesmo escrever: “Assim sendo, na educação atualiza-se algo da ordem de uma marca que molda, possibilita certa condição existencial, bem como burila o ímpeto próprio da “animalidade” (Lonjequiere, 1997, p. 29).

Conforme os professores expunham suas queixas, a pesquisadora fazia intervenções buscando individualizá-los como sujeitos, uma vez que estavam se referindo coletivamente como “nós”. Em relação a isso, Miranda (2006) em sua tese, classifica o que diferencia a psicologia das massas⁴ de Freud com o dispositivo de conversação do CIEN⁵.

Um dos principais pontos é: enquanto que na teoria freudiana existiria a transição de mente individual para mente coletiva, transformando-se em uma enunciação comum, na conversação, um significante leva a outro e gera efeitos em cada um do grupo, movimentando a uma associação livre coletivizada. Além disso, na conversação, o que direciona a participação é o desejo singular. Por isso, justifica-se o manejo realizado a fim de que se instaure a possibilidade do efeito de saber inédito.

À medida que o diálogo avançava, como grupo, passaram a questionar de forma ampla, percebendo que as complicações decorriam das exigências impostas pela gestão superior, representada pelas secretarias e pelo Ministério da Educação. Entre as críticas ao modelo de Escola Cidadã, destacam-se a falta de autonomia em sala de aula e a carga horária excessiva, que não permitia que realizassem atividades extra-trabalho, como ir ao banco ou fazer compras.

³As falas estão em itálico e sem aspas porque trata-se de falas escritas pela pesquisadora no momento da intervenção, logo, não se caracterizam como transcrições literais, uma vez que foi feito uso do conceito de memória anacrônica do analista.

⁴Psicologia das massas e análise do Eu, obra de Sigmund Freud de 1921.

⁵Centro interdisciplinar de Estudos sobre a Criança.

Diante dessa situação, a pesquisadora argumentou que o modo a que eles estavam se referindo à rotina de trabalho se assemelhava a um modelo empresarial. E em grupo manifestaram-se: *E é uma empresa*. A professora N. ressaltou: *Mas a educação não é isso*. A pesquisadora retornou a questão: “*Então, do que se trata a educação?*”.

Nesse momento, o professor M. mencionou que, *por ser homossexual, ter a educação em sua vida foi uma oportunidade de ser respeitado, uma vez que muitos de seus colegas acabaram seguindo o caminho da prostituição e alguns até perderam a vida nessa trajetória*. Nessa narrativa, identifica-se que o sujeito aparece enquanto lugar de enunciação, mesmo que esteja no grupo, houve uma implicação subjetiva, através da oferta da palavra que estava em circulação.

Na passagem mencionada anteriormente, sobre a realidade laboral denunciada, percebe-se que a queixa expressada pelos professores em relação ao sistema educacional em que estão inseridos vai além da impossibilidade de criar uma comunidade pedagógica, conforme citado nas falas iniciais. A precarização do trabalho docente se mostrou como um obstáculo ao próprio processo pedagógico. Nesse sentido, a escuta clínica não pode simplesmente rotular como mais uma queixa psicológica, sendo necessário reconhecer que as pulsões mortíferas predominantes no sistema têm um impacto significativo na vida dos sujeitos.

Essas pulsões se manifestam, por exemplo, na forma de obrigações trabalhistas não reconhecidas adequadamente, que se entrelaçam ao cotidiano dos professores. Como os sujeitos são afetados pelos discursos vigentes, tais práticas estão repletas de resíduos não elaborados que se manifestam como pequenos núcleos de repetição de formas autoritárias, homogêneas e coloniais, evidenciando-se na desigualdade social, no racismo e no neoliberalismo, que, por sua vez, se relaciona com uma necropolítica⁶. Essas práticas podem ser compreendidas nas falas dos professores em pelo menos três níveis: 1) a precarização do trabalho; 2) o impacto do ensino público nas perspectivas dos jovens que aspiram a uma carreira profissional; 3) o desmonte da educação pública no Brasil.

Em continuação às surpresas advindas da circulação livre da fala, surgiu o tema sobre o que sustenta e motiva os professores a permanecerem na escola, e foram identificadas três situações distintas. Primeiramente, a professora N. compartilhou que ser docente é gratificante para ela, pois acredita que se conseguir mudar a vida de pelo menos um aluno, já se sente contente. Ela expressa: *Não sei o que é, mas existe algo que faz a gente não desistir*. No entanto, ela também mencionou que se houvesse outra oportunidade de emprego que proporcionasse uma melhor qualidade de vida, ela consideraria essa opção. Já a professora L. relata que é uma profissão passada por gerações - avó, mãe e ela. Por fim, a Professora U. menciona que, para ela, trata-se de uma *profissão funcional*.

Nessa primeira conversa é possível notar que os professores de exatas, no início, abordaram o aluno a partir da metáfora de “caixa vazia”, ou seja, alguém que não possui conhecimento e que deve ser preenchido. Esse significante levou ao significante Educação em que puderam relatar as práticas instituídas e instituintes da escola. Passaram a demanda do professor ao aluno até a discussão sobre o que os mantém na profissão. Seguindo um giro na alteridade: Aluno - Instituição - Sujeito.

⁶Essa reflexão foi inspirada em um trabalho do Carlos Henrique Oliveira Nunes, mestrando na linha de pesquisa do PSILACS (Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo) na UFMG. O trecho é referente ao episódio 02, do quadro “O que te causa?” disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=F1SaNcfPDFI>

Uma das condições para que a *conversação* seja possível é o estabelecimento da transferência. Desse modo, os professores já tinham uma abertura construída pelo projeto de extensão⁷ que ocorreu na escola oferecido pela mesma instituição realizadora desta presente pesquisa. Ademais, a pesquisadora pôde perceber que houve, ao menos, uma suposição de saber⁸ em direção a proposta da *conversação*, pois logo após foi enfatizado o modo na qual escrevia muito rápido e sem olhar o papel e o porquê não gravar as falas.

É possível notar que a transferência também se manifesta através da reprodução em ato nas formas de inserção no laço social. Durante a pesquisa, observou-se uma demanda de trabalho evidente, pois os professores permaneceram trabalhando enquanto ocorria o momento da conversação. Esse comportamento revela a lógica na qual esses professores estão inseridos.

Passemos a conversação inicial, o Instante de Ver, com os docentes da área de humanas, no qual ocorreu em um dia bastante atípico na escola, devido à evacuação dos alunos causada pelas ameaças de ataques das facções à cidade⁹. Interessante ressaltar que, mesmo diante das ameaças generalizadas que ocorreram durante esse período, os professores não foram dispensados de suas atividades naquele dia.¹⁰

Ao adentrar na sala de reuniões, a professora Y. narrou ininterruptamente todas as tarefas que tinha realizado durante o dia e, a partir desse ato, definiu-se o tema central que seria abordado na conversação: a exaustão docente. Ao convidá-los para participarem da pesquisa, o professor E. comunicou expressivamente que não queria ser apenas mais uma *cobaia, servindo apenas para coletarem informações e logo após desaparecendo*. Essa situação descrita revela a tentativa do professor de demarcar sua posição e afirmar que não deseja ser reduzido ao papel de objeto, especialmente diante do Outro universidade.

Após a convocação inicial e a explanação sobre o tema da pesquisa¹¹, os professores introduziram o S1: Escola Cidadã Integral. Esse significante estava atrelado às práticas institucionais às quais eles estavam submetidos. Observou-se, nesse momento, que havia certa resistência nessa área em transitar do espaço coletivo para uma posição de enunciação orientada pelo desejo, parecendo não permitir uma enunciação individualizada.

Com isso, o manejo da pesquisadora foi em direção a questioná-los quanto aos efeitos e percepções deste modelo para cada um deles. As respostas foram em direção a comparações, na tentativa de nomear o que eles estavam sentindo. A Professora B. ressaltou que *são só números, eu comparo ao fordismo*. O Professor O. disse que *eu me sinto como um fantoche*, explicando que precisa, muitas vezes, estar de escola em escola, o que dificulta a construção de um vínculo tanto com as instituições como com os alunos.

⁷Projeto de extensão: Volta às aulas: Impasses e desafios no pós-pandemia (2022).

⁸Termo cunhado por Jacques Lacan ao longo de seus estudos. Sendo apresentado no seminário 11 *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Esse conceito se refere à posição de objeto da transferência ocupado pelo analista em um processo analítico. Trata-se do que o analisando supõe que o analista possui.

⁹Essas ameaças foram disseminadas por áudios do WhatsApp, devido ao ataque que estava acontecendo no estado do Rio Grande do Norte.

¹⁰Notícia do Jornal da Paraíba referente aos ataques ocorridos no Rio Grande do Norte e a relação com o Estado da Paraíba, disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/ataques-no-rn-relacao-paraiba> Acessado em 15 de junho de 2023.

¹¹Essa explicação foi restrita ao objetivo central da pesquisa, na qual se trata de identificar as posturas subjetivas dos professores mediante o dispositivo da Conversação.

A professora B. destacou que está na escola no piloto automático, se sente cansada e menciona que, se tivesse um diagnóstico, provavelmente estaria com Burnout¹². Em outro momento de sua fala, ela comenta: *Quando chega no domingo a tarde a gente já fica triste porque tem que vir para Integral.*

Além disso, o professor D. expressou sentir-se como um *trabalhador de fábrica*, preso em uma rotina. A professora W. acrescentou que esse modelo de escola remete à revolução industrial, mas que, no caso dos professores, ainda que o turno acabasse, o trabalho não terminava. Algumas falas marcantes relacionadas a isso foram: *a escola é uma cadeia, até comida tem que ver se sobrou; como um capeta; aqui é desumano; os problemas psicológicos são criados na própria escola; se a gente fala nisso somos acusados de contra-modelo; Escola cidadã como a escola de escolhas, sem escolhas.*

Conforme observado nas falas destacadas anteriormente, esse discurso é marcado pela identificação com a área, logo, possui um teor crítico e político relacionado ao próprio sucateamento da educação e, em específico, a reforma do ensino médio. Sobre esse último, os professores expressaram uma forte oposição, alegando que *ela é feita para filhos de pobre, para gerar mão de obra barata para a indústria* (Professora B.).

Diante disso, ao se aproximar do fim do horário pré-estabelecido, alguns professores afirmaram que, apesar de todas essas dificuldades, eles não desacreditam na educação, pois, se assim fosse, não estariam ali, exercendo sua profissão de educadores. Essa menção final trata-se de uma aposta, mesmo diante dos desafios e das adversidades salientadas, os professores demonstram um compromisso e um desejo de continuar ensinando para permanecer nessa profissão.

Finalmente, iniciou-se o encontro inicial com o grupo de professores de linguagens. Durante a conversação, percebeu-se que o grupo dos docentes de linguagens despertou outros questionamentos que não estavam diretamente relacionados aos apontamentos sobre a educação.

O impasse inicial foi observado por uma inquietação em relação à porta da sala, com a necessidade de mantê-la fechada. Logo após, quando a pesquisadora propôs que fosse estabelecido um tema como ponto de partida para a conversa, os professores, fazendo uso da ironia, mencionaram que: *todos se odeiam, mas que na verdade se amam*. Em seguida, o tema escolhido por eles para iniciar a discussão foi o relacionamento interpessoal.

A professora R., explicou que a relação entre os professores era marcada por muitos conflitos. A partir disso, a professora G. assinalou que os conflitos na sala dos professores são frequentemente protagonizados por homens. Ela ressaltou a questão da diferença de gênero e das demandas domésticas, pois ela precisa cuidar dos filhos e da casa, além de ter que concluir todo o trabalho em casa. Por isso, precisa planejar as aulas na escola, no entanto encontra dificuldade de realizar essa tarefa na sala dos professores.

A mesma professora acrescentou que *essa relação foi algo que surgiu agora, não havia pensado nisso ainda*. Essa última fala enfatiza o método proposto na pesquisa: 1. A oferta da palavra orientada pelo desejo de participação; 2. A técnica da associação livre; e 3. A implicação subjetiva do sujeito levando a invenção de um saber inédito.

Continuando os destaques da conversação, a professora R. relatou que o que a deixa exausta não é o trabalho em si na sala de aula. Pelo contrário, ela expressou que estar com os alunos é

¹²Síndrome do Esgotamento Profissional.

o que a desperta a ir para a escola. Ela mencionou que recebe elogios dos alunos e mensagens positivas, o que a motiva e a faz se sentir bem. No entanto, o que a entristece e desmotiva é a relação com seus colegas de trabalho. A docente descreve como sendo nomes do mal-estar: a rotina estressante, na qual afeta seu sono e a faz sentir-se culpada. Durante sua fala, a professora R. também mencionou, em tom conformista, que *em todos os lugares terão conflitos*.

Dessa forma, a intervenção realizada pela pesquisadora salientou que, de fato, os conflitos são inerentes às relações sociais, no entanto, ao escolherem o tema do relacionamento interpessoal, os professores mostraram que têm algo a dizer sobre os conflitos que afetam o cotidiano escolar. Por isso, foi proposto esse espaço de oferta livre da palavra.

A partir dessa abordagem, outros professores que estavam mais reservados passaram a compartilhar como esse impasse os afetam. Esse efeito é decorrente do que foi explicado anteriormente como cerne do dispositivo da conversação, a noção de que um S1 leva a outro, possibilitando a liberação subjetiva do fazer falar (Pereira, 2012, p. 27).

Por conseguinte, a professora P. expressou que se sente mal com essa situação e que *seu corpo tem reagido negativamente*, resultando em um quadro clínico de *pressão alta*. Ela relatou que os colegas de trabalho constantemente julgam suas aulas e seus métodos, o que a faz dar aulas com muito receio e medo. Além disso, ela revelou que, mesmo diante de tudo isso, ela permanece em silêncio e absorve tudo para si. Acrescentou que *toda responsabilidade é jogada para cima de mim*.

Como manejo clínico, a pesquisadora enfatizou que as responsabilidades podem até ser jogadas para ela, mas que para se responsabilizar é preciso escolher, inclusive, falar sobre isso no momento da conversação. Ela estava bastante sensível e foi assinalado que aquele era um espaço de fala coletiva em que ela está resguardada pelo Código de Ética do Psicólogo, assim como pelo TCLE.

Ao final da primeira conversação, a pesquisadora perguntou se eles desejariam permanecer com essa mesma questão para os próximos encontros. Eles assinalaram que sim e o professor E. acrescentou: *Vai que ache uma solução, né?* Esse dito revela uma aposta nos efeitos e invenções possíveis das intervenções.

Momento de compreender: “o melhor dia para morrer”

Passado o primeiro momento em que foi identificado a queixa inicial dos professores da instituição, seguiremos agora para o segundo encontro, caracterizado, como explicado anteriormente, como momento de compreender. Resumidamente, neste tópico pretendeu-se localizar as posturas subjetivas dos professores em torno do mal-estar presente. Essa divisão é realizada com o objetivo de - além de organizar didaticamente - conferir fluidez à leitura, assim como facilitar o estudo do caso clínico.

Na segunda conversação, realizada com os professores da turma de exatas, a demanda central se deu em torno de como conquistar os alunos e como os docentes se sentem em relação a essa questão. O Professor D. expressou sua preocupação: *eu tenho que conquistar o aluno ou perco ele... porque física por física...* Como manejo, foi questionado como era feita essa aproximação com os alunos, ou seja, de quais artimanhas cada um se disponibiliza diante desse desafio. O desenlace para essa indagação foi assinalado pelo Professor D.: *é entender que, além*

da sala de aula, tem familiares, identidades de gênero, ausência de pai, é mostrar que enxergo tudo isso... a gente tem que ver com esse olhar.

O dito desse educador retoma a primeira conversação, na qual os professores iniciaram nomeando o aluno como uma “caixa vazia”. Dessa maneira, percebe-se que nesse segundo momento, o Professor D., pode nomear o aluno sob outra perspectiva. Passa do significante vazio ao olhar aberto: a percepção do aluno como um sujeito que chega na escola com outras experiências.

Na sequência, a discussão sobre o que o aluno traz até a escola passou ao diálogo sobre as demandas subjetivas e emocionais nas quais os professores findam lidando diariamente, tanto pelo que os alunos trazem de sua realidade quanto pelos materiais das disciplinas eletivas que abordam esse assunto.

Nesse sentido, a Professora N. assinala: *A gente é esponja, hoje eu tô pesada*. Referindo-se ao fato de que os problemas pessoais dos alunos acabam afetando os professores, pois eles absorvem essas situações que são trazidas de casa. Em seguida, a Professora U. esclarece: *Eu sou racional*, explicou que durante essas disciplinas buscava chegar nos alunos de uma maneira divertida porque *vai que eu não controle esse menino chorando*.

Diante dessa situação e levando em consideração que, no primeiro encontro com essa turma, a mesma docente se referiu a sua profissão como algo funcional, o manejo realizado a partir do exposto foi em direção questioná-la novamente sobre sua posição na escola, tendo em que vista que, apesar do que verbalizou, nesses dois momentos foi observado que é uma professora bastante referenciada dentro da escola e que está em diálogo com os outros profissionais. Portanto, foi questionada se realmente se tratava de uma postura racional ou se não seria o modo na qual ela inventou para tornar a disciplina possível tanto para ela quanto para os alunos.

Essa intervenção foi guiada pela aposta de que essa educadora pudesse se autorizar a invenção de um saber singular diante de sua experiência em sala de aula. Além disso, vale destacar que a disciplina na qual ela se referia trata-se do Projeto de Vida, cerne do modelo Cidadã Integral, na qual convoca tanto os alunos quanto os professores a um trabalho subjetivo e a aposta num desejo.

Como desdobramento desse S1 trazido pela professora citada anteriormente, o Professor B. destaca a oposição ao pensamento dela. Ele explica que em suas aulas sente que ocorre uma aproximação mais íntima com os alunos a partir das *reflexões* propostas por ele na sala de aula. Inclusive, justifica que o ensino dos conteúdos é facilitado quando existe essa troca.

Em virtude disso, a pesquisadora ressaltou que existe uma convergência entre essas duas falas: trata-se da existência da singularidade no modo de condução da aula e como isso se torna relevante em um modelo de ensino que compromete a autonomia do professor parcialmente, como citado pelos grupos na primeira conversação. Ademais, foi salientado a dimensão subjetiva do exercício do educador, uma vez que existe a técnica pedagógica, no entanto, o que eles estavam assinalando é verdadeiramente o que extrapola os limites técnicos.

A implicação desse manejo se deu mediante a repetição do Professor B: *É, extrapola a técnica*. Diante desse ato, encerramos o segundo momento de conversação. Marcar esse ato em um corte da associação livre em circulação particulariza o cerne do impasse no ensino. Tal postulado por Freud (1937), o ensinar como um impossível, não há respostas, fórmulas, ou modo certo e errado, o que existe é uma aposta em uma transmissão que encontre espaço, sobretudo, para o desejo.

O segundo momento com os professores de humanas centrou-se em uma discussão política sobre as condições reais de trabalho dos professores. Esse debate foi crucial, pois mudou a direção desta pesquisa. Assim, foi possível constatar que a escuta do mal-estar docente é permeada por uma questão sociopolítica, na qual diz respeito à precarização do trabalho da classe. Em vista disso, as falas nessa conversação vão além de indicar S1, queixas ou sintomas individuais, elas denunciam a barbárie presente na educação brasileira. É fundamental desvelar esse problema também no âmbito que articula a psicanálise e a educação.

Partindo para a análise da conversação, foi apresentado pelos professores à pesquisadora seus locais de trabalho como um ato para fazê-la compreender o que eles enfrentam cotidianamente. Esse ato foi nomeado pelo Professor E.: *para você sentir o gosto do osso*. Os lugares não dispõem de ventilação adequada, de acesso à internet e de espaços de convivência propícios para a execução adequada dos planos propostos.

Ainda tomado por esse impasse, o Professor E. endereçou: *eu queria que vocês da academia entendessem... anote aí desse jeito: valorizar professor não é salário, é condições mínimas de trabalho*. Esse relato denuncia algo que a psicologia e a psicanálise negligenciaram por muito tempo: as condições concretas de trabalho influenciam de forma diretiva as práticas de ensino e as formas de subjetivação dentro de sala de aula.

O tema da conversação foi sobre a precarização do trabalho, levou à discussão sobre o tema da substituição de professores caso alguém precise faltar. Segundo eles, o contrato de trabalho estabelece normas restritas para essa situação, uma vez que não pode haver aulas vagas nos turnos. A Professora W. mencionou: *Rezo para não faltar; Se alguém morrer, vão só tirar o corpinho da pessoa e entra outra para substituir*, afirmando por fim, que era necessário escolher o melhor dia para morrer.

Esses significantes em torno de um S1 mortífero evidenciam o que bell hooks (2017, p. 29) elucidou sobre a presença do professor na sala de aula: “a objetificação do professor dentro das estruturas educacionais burguesas parecia depreciar a noção de integridade e sustentar a ideia de uma cisão entre mente e corpo, uma ideia que promove e apoia a compartimentalização” (hooks, 2017, p. 29). Em outras palavras, se estabelece essa noção de que os professores se sentem “dando a vida” pela escola.

Além disso, ao falarem sobre esses eventos envoltos em humor e chistes, os professores expressam uma angústia relacionada a essa barbárie da educação. Segundo Lacan (1969) o saber não é o trabalho, embora possa se equiparar a ele. O saber é o que chamamos de valor, que pode ser encarnado no dinheiro, mas também tem valor em dinheiro. O saber é o valor da renúncia ao gozo, ou seja, é o preço pago na renúncia ao gozo.

A partir do esclarecimento do autor, podemos compreender a angústia dos professores em relação à barbárie da educação como uma relação dialética que é paga com o corpo e com a vida, de forma literal, devido à exigência dessa função de estar em sala de aula. Esses significantes sobre as pulsões de vida e de morte movimentaram o Professor F. ao questionamento: *O que faz um aluno do 3º ano pensar que aqui é playground?* Ele explicou que os alunos passam o ano desinteressados e, embora possuíssem muita energia, muitas vezes, adormecem na sala de aula. No entanto, explicou que quando esses alunos chegam até o cursinho passam a *levar a sério*.

A Professora D. acrescentou, em uma tentativa de responder: *para eles a escola é uma obrigação que os pais mandam eles fazer, aqui não precisa de nota para serem aprovados*. O Professor F. direciona o impasse à pesquisadora: *Como mudar isso?* Como manejo clínico a

pesquisadora questionou-os sobre o que eles acreditavam que poderia fazer com que isso mudasse e o que distingue a escola de um cursinho.

Os dois docentes especificamente passaram a pensar sobre essa distinção. A Professora D. assinala que há uma confusão no entendimento proveniente dos pais sobre a função da educação. O Professor F. explicitou que os pais, ao contrário de cobrar dos alunos, findam deslocando a cobrança para os educadores.

A partir dessa fala, o docente visualmente representa a dinâmica da cobrança enfrentada pelo professor desenhando um círculo com o nome "Professor" e três setas convergindo para esse nome, explicando: *o estado cobra do professor, o aluno cobra do professor e os pais cobram do professor*. Essa enunciação denuncia a sobrecarga do professor diante das demandas do Outro, assim como o esforço em corresponder a essa demanda.

Ao finalizar a sessão e mencionar a próxima conversação que ocorreria na semana seguinte, foi possível perceber um efeito discursivo entre os professores. Foi observado que os docentes da área estavam se organizando para prestigiar um trabalho de um colega na universidade. Esse trabalho tinha como título "Impasses e desafios da Escola Cidadã Integral".

Esse movimento de articulação com a coordenação e com os demais colegas para participar de um evento em outro espaço e discutir práticas já cristalizadas revela não apenas uma consequência da intervenção realizada, mas também um possível efeito transformador tanto em relação ao que foi discutido nas Conversações, como em relação às percepções que surgiram a partir dessa intervenção. Assim como os professores manifestaram o interesse em participar do evento, a pesquisadora também expressou sua disposição em acompanhá-los neste evento.

Durante a segunda conversação com os professores da área de linguagens, inicialmente foi relatado que a semana na sala dos professores tinha sido tranquila, com uma diminuição dos barulhos. A Professora R. explica que *foi bom ter falado* e justifica que, durante a semana, houveram reuniões com os coordenadores e as discussões refletiram sobre o que foi possível construir durante a primeira conversação.

Paralelamente, surgiu um impasse relacionado às piadas e *chacotas* presentes no ambiente escolar. A Professora R. estabeleceu uma analogia entre esses conflitos e o comportamento observado no *jardim de infância*. Como intervenção, a pesquisadora solicitou que eles aprofundassem a explicação do que estava acontecendo. O exemplo fornecido foi o fato de que *algumas pessoas chegam e fazem piadas* de forma irônica sobre a necessidade de silêncio no ambiente pedagógico, mencionando nomes de colegas que estão trabalhando.

Nesse momento, a pesquisadora reconheceu a necessidade de silêncio no ambiente pedagógico e reforçou essa demanda junto aos professores. Em seguida, ela perguntou como cada um deles costuma responder diante dessas situações. A Professora P. expressou sua postura, afirmando que *prefiro não comprar briga*. Já a Professora V. menciona: *só escuto, isso entra em um ouvido e sai em outro*.

Com isso, foi assinalado pela pesquisadora que, ao trazerem esse tema para discussão, eles demonstraram que, de alguma forma, essas situações estão afetando-os. Nesse sentido, a pesquisadora ressalta a importância de aprofundar essa questão. Além disso, levantou um questionamento sobre o ambiente da sala dos professores, buscando explorar qual é a função desse espaço dentro da dinâmica escolar.

A Professora R. mencionou como: *um lugar da gente se alimentar, socializar, ambiente pedagógico*. E o Professor M. nomeou a sala como: *um ambiente tóxico*. A partir dessas respostas, a pesquisadora expressou sua confusão em relação à função da sala dos professores,

destacando que gostaria de compreender melhor qual é o propósito desse espaço dentro da dinâmica escolar.

A partir da reflexão proposta pela pesquisadora sobre a função da sala dos professores, a queixa inicial dos professores em relação às piadas e chacotas foi deslocada. Em vez de responsabilizar o outro por esse impasse, os professores passaram a questionar a necessidade de ter espaços adequados para diferentes atividades, como o planejamento e a socialização.

A Professora A. apresentou uma narrativa de conformismo em relação aos embaraços relacionados ao convívio na sala dos professores: *não tem como mudar a maneira como essa pessoa age*. Nessa fala, a pesquisadora maneja elucidando os modos nos quais cada um pode escolher fazer com o que está os incomodando, inclusive a opção de utilizar aquele espaço de conversa para abordar essas questões.

Tempo de concluir: “Estamos no chão da sala!”

A terceira conversação da área de exatas ocorreu logo após o ataque na escola em São Paulo¹³, no qual uma professora foi esfaqueada por um aluno, e essa questão foi o ponto de partida da discussão. Surgiu um debate entre os professores sobre os alunos que eram considerados “esquitos” e se isso justificaria uma ameaça. Houve uma troca de opiniões sobre a existência ou não de um perfil desses alunos que são protagonistas desses ataques.

A partir das enunciações trazidas, ficou evidente que os professores estavam sentindo muito medo diante desses ataques. No entanto, a discussão se deslocou para questionar como os alunos se sentem em relação às aulas e às práticas pedagógicas dos professores. O Professor D. comentou: *ensinamos leis invariáveis, não há margem para interpretação*. Esse dito evidencia o impasse subjetivo desse professor: percebe que a questão dos ataques às escolas diz respeito a um para além do pedagógico.

Diante disso, outro aspecto que voltou a ser discutido foi a forma como os outros enxergam os professores, quase como *seres míticos*. O Professor X. assinala: *não temos direito de fazer outra coisa senão dar aula; o corpo como objeto; não tivesse a noção de ser humano*. Compreende-se uma posição de escravo do Outro, diante da teoria dos discursos de Lacan (1969), o sujeito professor ocuparia um lugar de objeto.

No movimento da oferta da palavra, retornou-se a discussão das práticas pedagógicas de ensino e de punição. Desse modo, a Professora N. lembrou uma situação de sua infância na qual foi advertida e expulsa da sala de aula por estar copiando do quadro, enquanto a docente esperava que todos prestassem atenção apenas na explicação. A educadora compartilhou esse relato com um sentimento de nostalgia, levando a ideia de que recorrer a essas referências do passado seria a solução.

No entanto, como manejo interventivo, a pesquisadora salientou que estabelecer como pontos de referência práticas passadas e tradicionais, proporciona uma opacidade nas apostas e invenções contemporâneas. O Professor D. acrescentou: *precisamos aproveitar os alunos de*

¹³Notícia da CNN relatando o caso de um aluno que esfaqueou e causou a morte de uma professora em São Paulo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/adolescente-esfaqueia-professores-e-aluno-em-escola-estadual-de-sao-paulo/> Acessado em 15 de junho de 2023.

outra forma que não seja somente acadêmica, sugerindo a exploração de abordagens que vão além do ensino tradicional.

A partir dessa inquietação, a professora L. trouxe à discussão um caso que está mobilizando a escola, envolvendo uma aluna em particular. Ela mencionou que o nome próprio da aluna é associado a um significado que remete à ideia de “nada”. Essa referência simbólica evidencia uma preocupação especial em relação a essa aluna e destaca a angústia que os professores estão enfrentando devido aos frequentes episódios de automutilação que a estudante tem apresentado, inclusive dentro do ambiente escolar. A partir desse relato, os outros professores passaram a narrar situações em que foram testemunhas de autolesões.

Nas falas dos professores, é possível compreender o papel significativo que desempenham na vida dos adolescentes, sendo considerados interlocutores preciosos. Esse endereçamento aos professores demonstra o lugar de Agalma em que o professor se torna um ponto de referência, um porto seguro dentro da escola. A ocorrência desses sucessivos episódios de autolesão acontecerem no território escolar poderia ser nomeado de ato-carta, em que sucede de uma passagem ao ato, a um *acting out*.¹⁴ Em outras palavras, possui um endereçamento que se abre a possibilidade de que no caminho até o banheiro o remetente encontre um interlocutor. Suportar esse lugar de destinatário não é sem sofrimento.

A terceira conversação com o grupo de humanas ocorreu durante o evento da V Semana de Geografia da UFCG, onde um dos professores ministrou um minicurso. Após a apresentação, foi reservado um momento para conclusão das conversações com os professores presentes da Escola Cidadã Integral Deputado Álvaro Gaudêncio e uma representante de turma.

O minicurso proposto foi bastante interativo, o que proporcionou aos professores a oportunidade de expressar e debater suas angústias relacionadas à prática pedagógica. Durante esse momento, eles puderam compartilhar suas experiências, trocar ideias e refletir sobre questões pertinentes à sua área de atuação.

Nesse sentido, foi observado que as falas da aluna representante da turma corroboraram com as preocupações mencionadas pelos professores, evidenciando a precariedade do Modelo Cidadã Integral em sua forma atual. A aluna questionou: *como ser cidadão na sociedade se não podemos exercer esse protagonismo fora da escola?* Apesar do foco deste trabalho não ser os alunos da instituição, foi relevante escutar essa aluna e perceber sua compreensão acerca dos desafios do modelo em questão.

Além disso, foi ressaltado pelos docentes a tendência de um empreendedorismo presente no modelo, em que os livros didáticos trazem slogans de empresas como o iFood, e como há uma pressão para que o próprio aluno se torne um produto barato do mercado. A professora M. enfatizou que *ensinar a fazer brigadeiro não é transformar o mundo*.

Na apresentação do minicurso foi exposto que durante a pandemia, observou-se um aumento significativo no número de escolas que fizeram a transição do modelo regular para o Cidadão Integral, mesmo com ensino remoto. Essa rápida transição pode ser comparada a uma progressão geométrica, onde as escolas pularam etapas sem considerar os desafios e dificuldades enfrentados pelos alunos e professores nesse novo contexto. Os docentes também expuseram a forma que a mídia vende a imagem dessas escolas serem bem-sucedidas, mesmo

¹⁴Passagem ao ato e *acting out* são termos desenvolvidos por Lacan no seminário 10, *A angústia* (1962-1963). A passagem ao ato se refere ao embaraço comportamental e emocional do sujeito, na qual o sujeito finda por evadir da sua própria posição de sujeito em cena. Já o *acting out* é marcado pelo olhar do Outro, a sua conduta se direciona e possui um destaque de anúncio.

diante das adversidades. A busca por uma imagem perfeita e atrativa, muitas vezes propagada pelas redes sociais, pode encobrir a realidade vivida pelos estudantes e professores

Durante a pesquisa, ficou evidente que todos os professores da escola em questão, têm uma demanda de fala intensa. Dentre as questões frequentemente mencionadas, destacam-se os recursos disponíveis, os desafios enfrentados durante o período pandêmico e a preocupação com a evasão escolar. É importante ressaltar que eles mencionam não serem contrários ao modelo de educação integral, mas enfatizam a necessidade de uma reforma para torná-lo mais eficiente.

Ademais, a Professora M. usou do recurso da metáfora para explicar que nas formações estavam utilizando uma palavra da moda, na qual se referia aos professores como conhecedores do “chão da sala”. Com base nisso, pela via do humor, a educadora ironizou: *é, realmente estamos no chão sala*, no sentido da palavra chão: lugar em que as pessoas pisam.

Essa figura de linguagem enfatiza a posição subjetiva do professor perante a precarização da educação. Por fim, o professor D. esclareceu: *a gente fala isso, mas a escola ainda é o melhor caminho e a escola integral tem essa função jovens que é ver a vida do jovem se transformar*, ele conclui ressaltando o resultado positivo das 30 aprovações no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Ao final da apresentação, foi reservado um momento em que a pesquisadora pôde agradecer a participação dos professores na pesquisa e a professora D assinala: *desde o doutorado, fazia muito tempo que não voltava à universidade*. Esse movimento realizado durante a ocorrência das Conversações compreende-se como um deslocamento do Outro instituição para o aparecimento do desejo do sujeito como lugar de enunciação.

No último encontro com o grupo da área de linguagens, além da temática do relacionamento interpessoal, surgiu também a reflexão sobre o modelo de escola em que estão inseridos. Embora tenham começado a discussão com a indicação de que estão bem e já reclamaram o suficiente, ao questionar como havia sido a semana, foram relatados episódios de desentendimentos interpessoais entre eles e os colegas de trabalho. Esse movimento leva a percepção de que a técnica psicanalítica da associação livre foi desencadeada.

Essa situação levou à reflexão sobre a finalidade da sala dos professores, que sempre é o centro das queixas. Novamente, foi feita a intervenção pela pesquisadora que, além das questões interpessoais, havia uma confusão em relação ao propósito dessa sala, uma vez que os professores não possuem, por exemplo, uma sala específica para descanso.

Mesmo com a pouca estrutura disponível, a sala dos professores é utilizada para diversas atividades, como comer, dormir, descansar e planejar aulas, além de ser um espaço de socialização. Ao relatar sobre as condições de trabalho oferecidas aos educadores, inclusive sobre as cargas horárias excessivas, o professor G esclarece: *ou você vive, ou você vegeta; Você perde o principal da sua vida que é viver*.

A professora E. concluiu a conversa com um dito forte: *A educação sempre esteve em crise e por isso existe a educação*. Ela acrescentou que *tentam tirar dos professores algo que não podem, que é a liberdade*. Educar para a liberdade. A menção dessa docente sobre a educação existir, porque ela sempre esteve em crise, retoma o que Guimaraes (2023) esclarece sobre a instituição-sintoma.

Nesse sentido, a professora E. nomeia o que pode ser chamado do incurável do sintoma. É a parte que não é passível de assimilação, o que se pode frente a isso é um deslocamento na

posição subjetiva diante do sintoma. É nesse ponto que o discurso do analista opera, realizando um contraste ao discurso do mestre (Lacan, 1969-1970, p. 81).

Em uma última ida à escola a fim de participar da festa junina, em meio ao forró e as comidas típicas, o professor E. em um ato mostrou à pesquisadora as três salas separadas para os professores de exatas, humanas e linguagens, e expressou: *brigamos tanto que conseguimos*. As conversações e a pesquisa nessa escola possibilitaram um efeito de reafirmação de um *savoir-faire* dos professores, inclusive, para sustentar uma sala e um posicionamento diante da coordenação e outros órgãos superiores municipais.

Considerações finais

É evidente o papel de transformação que a educação desempenha na sociedade, no entanto, constata-se que a realidade brasileira demonstra estar em dissonância com essa premissa, haja vista que a profissão de professor vem sendo cada vez mais desvalorizada. Além disso, levando em consideração o avanço tecnológico e a crescente pluralização das formas de se inserir no laço social, é crucial pensar de forma abrangente as questões que englobam a posição do docente em sala de aula.

Desse modo, foi possível constatar que a precarização e invisibilização do trabalho e as reverberações somáticas do adoecimento subjetivo emergem como nomes do mal-estar enfrentado pelos professores. A partir da coleta de dados, inferimos que o sofrimento docente é perpassado, além dos desafios da realidade concreta do trabalho, pelo assujeitamento ao discurso institucional, pela exaustão dos professores e pelos conflitos interpessoais. Além disso, pudemos inferir as facetas de laço e parceria sintomática que se estabelecem com o Outro escola.

No que toca à queixa dos professores em relação ao sucateamento da educação, esta deve ser situada de acordo com a dimensão sociopolítica na qual o Brasil está inserido. Dessa forma, esse contexto aborda a questão da barbarização da educação, que tem sido causada pelo sucateamento dos recursos e pelas políticas públicas insuficientes voltadas para esse campo. Nos últimos anos, a aprovação da PEC do Teto de Gastos Públicos (PEC 55/2016) teve um impacto negativo significativo nas instituições de ensino em geral. Ao invés de aumentarem, os investimentos na educação foram drasticamente reduzidos, resultando em consequências sérias. Com o estabelecimento de um limite para as despesas públicas, ocorre o comprometimento do financiamento da educação, afetando a qualidade do ensino, a infraestrutura das escolas, a formação dos professores e outros aspectos fundamentais.

A pandemia da COVID-19, por exemplo, agravou ainda mais a situação, haja vista os desafios da transição para o ensino remoto e a necessidade de adaptação rápida por parte das escolas e dos professores. No entanto, o sucateamento prévio da educação, devido às políticas de redução de investimentos, deixou as instituições despreparadas para lidar com a crise de forma eficiente e eficaz.

Visando contribuir para esse debate, a contribuição de Éric Laurent é tomada como urgente diante do contexto. O autor adverte que o analista deve assumir um caráter de analista cidadão e articular as inclinações do discurso da psicanálise à democracia. Para isso, ele esclarece que o analista cidadão precisa “(...) passar do analista fechado em sua reserva, crítico, a um analista que participa; um analista sensível às formas de segregação; um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora” (Laurent, 2013, p. 08).

Desse modo, salientamos a importância da abordagem clínica em torno do mal-estar docente e institucional, assim como sinalizamos a escola como um lugar que “(...) deve fazer mais do que deixar de impelir os jovens para o suicídio; deve lhes dar vontade de viver (...)” (Freud, 2006 [1910], p. 245). Portanto, a articulação entre a psicanálise e a pedagogia convoca o sujeito a falar numa posição de enunciação diante do seu desejo, levando o sujeito a investir libido na vida.

Referências

- Arreguy, M. E., & Coutinho, L. G. (2015). Considerações sobre afetos e violências no espaço escolar: Conversações com professores. *Educação em Revista*, 31(3), 279–298. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-4698132854>
- Brousse, M.H. (2018). As identidades, uma política, a identificação, um processo e a identidade, um sintoma. *Opção Lacaniana*, 9 (25-26), 1-11. Disponível em http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_25/As_Identidades_uma_politica_a_identificacao.pdf
- Cunha, A. S. (2012). Famílias não tradicionais e problemas na escola. In M. R. Pereira (Org.), *A psicanálise escuta a educação 10 anos depois* (pp. 109-122). Belo Horizonte, MG: Fino traço/ FAPEMIG.
- Cunha, E.L. (2021). *O que aprender com as transidentidades: psicanálise, gênero e política*. Porto Alegre, RS: Criação Humana.
- Freud, S. (1996) *Análise terminável e interminável (1937)*. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII). Imago.
- Freud, S. (1976). Explicações, orientações e aplicações (1933). In S. Freud, *Novas conferências introdutórias* (Vol. XXIV). Imago. Disponível em <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/edu01011/freud-conferencia-34.pdf>
- Freud, S. (2006). *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio (1910)*. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 243-244). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência (1915). In S. Freud, *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos*. (Vol X, pp. 210-228). Companhia das Letras.
- Guimarães, M.R. (2023). Psicanálise e instituição. *Lacan XXI Revista FAPOL Online*, 13, 27-39. Disponível em <https://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2023/05/Lacan-21-vol13-PORT.pdf>
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. (M. B. Cipolla, trad.). São Paulo- SP: Editora WMF Martins Fontes.
- Lacan, J. (1992) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor. .

- Lacan, J. (2005) *O seminário, livro 10: A angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Lajonquière, L. de. (1997). Dos "erros" e em especial daquele de renunciar à educação: Notas sobre psicanálise e educação. *Estilos da Clínica*, 2(2), 27-43. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v2i2p27-43>
- Laurent, E. (2013). O analista cidadão. *Revista Curinga: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais*, 13, 07–13. Disponível em https://ebp.org.br/mg/wp-content/uploads/2020/06/Curinga-edicao_13.pdf
- Miller, J.-A., et al. (2005). *La pareja y el amor: conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona*. Paidós.
- Miranda, M. P. (2006) *O mal-estar do professor em face da criança considerada problema*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte - MG, FaE/ UFMG.
- Miranda, M. P. (2012). O que toca a subjetividade do professor? Um estudo de psicanálise aplicada à educação na contemporaneidade. *Revista Espaço Acadêmico*, 11(131), 68–75. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16519>
- Pereira, M.R. (2012). A orientação clínica como questão de método à psicologia, psicanálise e educação. In M. R. Pereira (Org.), *A psicanálise escuta a educação 10 anos depois* (pp. 23-34). Belo Horizonte, MG: Fino traço/ FAPEMIG.
- Pinto, K.M., Santiago, A.L.B. (2012). A conexão do desejo à escola: do “não quero saber disso” ao “o que posso saber disso”. In M. R. Pereira (Org.), *A psicanálise escuta a educação 10 anos depois* ((pp.75-90). Belo Horizonte, MG: Fino traço/ FAPEMIG.
- Sena, I. de J., Pereira, M. R., & Scrinzi, M. M. (2023). Rodas de conversa com adolescentes: Estratégias para lidar com conflitos na escola. *Educação*, 48(1), e25/1–24. Doi: <https://doi.org/10.5902/1984644466258>

Revisão gramatical: Heloísa Fernandes Caracas
E-mail: helocfernandes@hotmail.com

Recebido em outubro de 2024 – Aceito em maio de 2025.